

Org. Flavio Sanctum & Helen Sarapecck

TEATRO DO OPRIMIDO & OUTROS BABADOS

A Diversidade Sexual em Cena

Metanoia
editora

Copyright © 2015, Metanoia Editora

Editora

Léa Carvalho

Organizadores

Flavio Sanctum e Helen Sarapecck

Capa

Design: MaLu Santos

Foto da Capa: Apresentação do Espetáculo Fruto Proibido
GTO Artemanha - Festival de Teatro Legislativo(Acerto CTO)

Revisão

Selma Monteiro

Projeto gráfico

MaLu Santos

Dados Internacionais para Catalogação na Publicação (CIP)

T248 Teatro do oprimido e outros babados : a diversidade sexual em cena / Flavio Sanctum ... [et al.] ; organização Flavio Sanctum , Helen Sarapecck. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Metanoia, 2015.

150 p. ; 24 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 9788563439673

1. Representação teatral. 2. Identidade de gênero. 3. Homossexualismo. I. Sanctum, Flavio. II. Sarapecck, Helen. III. Título.

15-24705

CDD: 792.028

CDU: 792.028

Ficha Catalográfica elaborada pelo Sindicato Nacional de Editores de Livros

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da Editora poderá ser utilizada ou reproduzida - em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc. - nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados.

Metanoia
editora

www.metanoiaeditora.com

Rua Santiago, 319/102 - Penha

Rio de Janeiro - RJ - Cep: 21020-400

metanoia@metanoiaeditora.com

21 3256-7539 | 21 4106-5024

Associada:

Liga Brasileira de Editoras - www.libre.org.br

Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) - www.snel.org.br

Impresso no Brasil

Alexandre Bortolini

Mestre em Educação pela PUC-Rio, coordenou por seis anos o Projeto Diversidade Sexual na Escola, da UFRJ, e hoje trabalha na área de direitos humanos do Ministério da Educação.

Claudia Simone Santos Oliveira

Psicopedagoga, atriz e Curinga do Teatro do Oprimido. Trabalhou com Augusto Boal atuando em diferentes projetos, colaborando com a construção do programa de Teatro do Oprimido na Saúde Mental. Diretora artística da Associação Pas à Passo Théâtre de l'Opprimé. claudiasimone.to@gmail.com.

Diana Moura

Multiplicadora de Teatro do Oprimido, graduada em Comunicação Social/Jornalismo e em Publicidade e Propaganda, Artesã do ateliê Pandora Criações.

Dodi Leal

Doutorando em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia Social pela USP, diretor do Coletivo Metaxis de Teatro do Oprimido e coordenador artístico-pedagógico de teatro do Programa de Iniciação Artística – Piá da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. dodi@usp.br.

Fábio de Melo

Professor de Língua Portuguesa e Integrante do GTO GHOTA

Flavio Sanctum

Doutor em Artes Cênicas pela UNIRIO, professor de teatro e Curinga do Centro de Teatro do Oprimido. flaviosanctum@gmail.com

Helen Saraeck

Bióloga, Mestre em Artes Cênicas e Coordenadora Artística do CTO. helensaraeck@ctorio.org.br

Leandro Loppes

Professor de Língua Portuguesa e Curinga do GTO Diversidade (En)Cena.

Robert Gordon

Professor - Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA) – Diretor de programas especiais do Centro de Arte e Saúde Global da UCLA.

Udson Pinheiro

Multiplicador de Teatro do Oprimido, graduando em Teatro pela Universidade Federal de Alagoas e Coordenador do Laboratório Alagoano de Teatro do Oprimido.

Sumário

- 12 Prefácio
- 14 Apresentação
- 19 Teatro do Oprimido e Homossexualidade:
um arco-íris em construção
- 37 A Descoberta de Si Mesmo
- 41 CTO e ATOBÁ: casamento que deu frutos
- 47 Quem Tem o Direito de Ser?
- 59 O TO como ferramenta metodológica para discutir
gênero e sexualidade
- 65 Galeria de Imagens
- 81 Um Beijo Incomoda?
- 87 Projeto “TO pela Diversidade” e o enfrentamento da
homofobia
- 95 “Sex Squad” da UCLA: possibilidades de uma educação sexual
inclusiva por meio do Teatro do Oprimido
- 109 Joias indiscretas: disparates criativos das sexualidades
na Estética do Oprimido
- 121 Textos Dramatúrgicos

Assim como deficiência ou raça, “gênero” é uma palavra que estrutura os indivíduos em grupos distintos por critérios normativos, evidentemente questionáveis enquanto simplificadores de subjetividade, por si, irreduzível. A constatação da infinita variedade do direito de ser (entre as genéricas classificações de “ser homem” ou “ser mulher”) levanta a dúvida sobre quem define o que pode e não pode ser. O conceito de normalidade, classificando a anormalidade como sua exceção, portanto sujeita a restrições normativas e, até mesmo, corretivas, é regido por um sistema biopolítico de produção da “diversidade” como característica específica e divisória de identidade.

Essa prática de nomeação categórica é construída socialmente – e não somente a nomeação da diferença implícita no conceito de gênero, mas até mesmo a nomeação da diferença entre sexos, resultado de uma ampla mas ainda contestável prática discursiva no âmbito da ciência, como aponta Judith Butler. Disso deriva que toda opressão sexual é uma opressão cultural. O corpo é um território em disputa – um território dado ao indivíduo mas que o poder ambiciona colonizar, reificar, enquadrar e controlar. A imposição sorrateira e imperceptível de hábitos, gestos, modos de se vestir e de conduzir relações por meio da educação, os quais vão sendo incorporados à medida que os indivíduos aprendem a assumir o gênero (feminino, masculino) que a sociedade lhes reserva, não é o único tipo de força que formata um corpo. Há, também, o reconhecimento de si neste ou naquele padrão corporal – produzindo, como coloca Donna Haraway, uma aguda consciência de erro, estranheza, exclusão. Assim, a performance da vida cotidiana é uma prática involuntária e referencial

de autoenquadramento, mas também, em segunda instância, por meio do exercício voluntário e consciente de performance que conhecemos como “representação teatral”, pode vir a ser uma prática de desenquadramento. Isso significa que, através do trabalho sobre si mesmo, o ser humano ator incorpora, desincorpora e reincorpora possíveis identidades, reconfigurando a corporalidade como lugar de trânsito e laboratório de descoberta da complexa e mutável composição de sua subjetividade.

Neste livro, diferentes e emocionantes experiências de “descobertas de si” são relatadas, provocando outras descobertas, em diálogo com os discursos (pedagógico, social, científico, político) através dos quais o sentido da “normalidade” vem sendo construído e desconstruído. Na medida em que são capazes de proporcionar uma experiência de liminaridade ao espectador-leitor, posto diante de uma cena que desestabiliza não apenas sua ordem de percepção como, também, sua identidade normatizada e normativa, as cenas e performances relatadas são transformadoras. A vulnerabilidade dos corpos-sujeitos que se apresentam em cena (lá onde se desorganiza a fronteira entre real e ficcional, cuidadosamente mantida separada na vida cotidiana) faz desmoronar as categorias simbólicas de recepção, as quais produziriam uma reação escandalizada, compadecida ou, na melhor das hipóteses, politicamente correta nos espectadores. Em cena, uma característica corporal “desenquadrada” das expectativas de normalidade, como a transexualidade, a deficiência, a velhice etc., pode transformar-se em potência criadora – nesse caso, exerceria uma contaminação sensível, levando os espectadores à inquietação, ao encantamento, à cumplicidade e à vontade de libertação das opressões compartilhadas.

Por gerarem reflexões teórico-práticas, na primeira vez enquanto espetáculo e agora como o capítulo de um livro, cada uma dessas experiências constitui um (duplo) ato político-estético, isto é, conforme descreve o filósofo francês Jacques Rancière, uma reconfiguração da experiência que enseja novos modos de sentir e induz novas formas de partilha do comum. As descobertas provocam os autores a lançar perguntas que interessam a toda reflexão sobre arte como ato performático que reescreve politicamente o mundo. É o legado do Boal, no âmbito da teoria crítica das artes como dispositivos que articulam a partilha da visibilidade, a apropriação de fala, a ocupação do espaço público: uma incessante proliferação de perguntas, a partir da primeira do mestre: o que pode a arte na construção da cidadania e de um mundo mais justo?

Alessandra Vannucci
Professora da UFRJ, Curinga
e Diretora teatral
Agosto de 2015